

A NOVELA VERMELHA

N.º 5

Impossível redenção

POR

Augusto Machado



SETEMBRO DE 1921

Secção Editorial de A BATALHA

LISBOA

NOVELA VERMELHA

ALVARO DE ALBUQUERQUE

Em uso de Alvarado

—

ALVARO DE ALBUQUERQUE

da Bibliotheca da Associação
dos Fabricantes d'Amor e Ofi-
cios Memorios
de este singelo ensaio
7/9/921
Machado

IMPOSSIVEL REDENÇÃO

POR

Augusto Machado

IMPOSSIVEL REBRANÇAO

Augusto Machado

A Parte Vermelha n. 5



Impossível redenção

I

Era a hora de jantar do possoal operário. No molhe tudo era silêncio. O trabalho tinha sido interrompido tanto em terra como a bordo dos navios ancorados no pôrto. Os grandes caldeiros de ferro dos depósitos do Bensaúde, aguardavam, suspensos das suas pontes, que os pozessem em movimento para esvaziarem os porões dum grande navio carvoeiro. Os mergulhadores haviam sido retirados do fundo do mar, dando tréguas ao seu penoso trabalho, a construção da muralha do pôrto artificial.

Os trabalhadores, sentados à sombra e com os cêstos ante si, comiam com ripanso o sóbrio jantar que os seus «aprendizes», uns garotitos irrequietos, mal alimentados, pòbremeiramente vestidos e descalços, criminosamente roubados à escola, lhes haviam trazido de casa.

Desaparecera o rumor confuso do trabalho, deixara-se por instantes de ouvir o incómodo ranger dos monstros de ferro e aço, calavam-se as vozes arrogantes ou dolentes dos homens, uns dando ordens para a execução dos diversos serviços, outros obedecendo passivamente, suando e tressuando num exfôrço exaustivo, aniquilador da vitalidade do povo que trabalha e morre de inanição, sem conhecer um pouco de confôrto e de alegria, quando tantas e tantas coisas belas e úteis produz às mãos cheias.

O sol caía a prumo, tornando a superfície tranqüila do mar num brilhantíssimo espelho que feria a vista. Não se percebia a mais branda aragem e a calmaria impunha a tudo em volta uma quietude estranha. Nem o gorgueio ou o esvoaçar duma ave se ouvia no espaço. A cidadezinha, com as suas casas muito bem caiadas de branco, destacava-se, como uma dama languidamente recostada num maciço de verdura, entre o azul baço do firmamento sem núvens, e o tom azul-verde das águas oceânicas que, contra o seu costume, pareciam tomadas dum esquesito letargo.

Arnaldo caminhava ocioso através do molhe, lugar predilecto das suas meditações. O silêncio da natureza e das coisas era tam poderoso que lhe penetrava a alma. O cérebro sempre dominado por generosas preocupações, sentia-o como que vazio. Os seus olhos, que na enlevada contemplação do mar encontravam sempre qualquer coisa de novo, de desconhecido, por mais que nêle se tivessem fixado, naquela tarde serena e asfixiante parecia não descobrirem um ponto sequer digno de nota.

Ele procurava reagir, desviar o pensamento para muito longe, perscrutava no passado um facto que lhe prendesse a atenção, invocava os seus anseios por uma vida mais bela e livre, por uma humanidade regenerada e feliz, mas a impressão do meio ambiente parecia mais forte, quasi que lhe tolhia a acção e os devaneios.

Caminhava quasi que sem rumo, mal podendo resistir à modorra que o ameaçava, quando num esforçado apêlo às suas energias meio adormecidas, foi dirigindo os seus passos para a beira da muralha, a fim de encontrar através das águas, tam transparentes que quasi permitiam ver o fundo da bacia da doca, qualquer coisa que lhe prendesse o espirito em luta contra a tranqüilidade que o envolvia.

Junto à muralha, tocando a superfície da água, deslizavam suavemente cardumes de minúsculos peixes.

Arnaldo procurou segui-los na sua peregrinação, buscando encontrar-lhes os mesmos encantos que doutras vezes tanto o haviam maravilhado.

Emfim, o cérebro vencera, achara um motivo para se desenvencilhar da imobilidade a que parecia condenado; o espirito escapara-se vitorioso à calma doentia da atmosfera e das coisas.

Seguia assim já a algum tempo, quando os seus olhos desviando-se um pouco do primitivo ponto de observação, notaram no solo umas pégadas muito leves e ainda

frescas, que indicavam que uns pés pequeninos, delicados de mulher, por ali tinham passado recentemente.

Voltou a sua atenção para o movimento dos peixinhos, cuja marcha o distraía, mas sem querer começou seguindo também aquelas pègadas, arrastado por uma preocupação indefinida, e dentro de pouco tempo a sua alma sentia-se animada por uma nova vida, os seus dezanove anos pouco antes quasi esmagados pela calma que em tudo se infiltrava, pareciam agora despertar dum pesado sono, robustecidos por qualquer coisa de enigmático.

A delicadeza da pègada, o afilado do bico do sapato ou da bota e sobretudo a pouca base do salto, levemente impressos na terra húmida, atestavam, sem sombra de dúvida, que as pègadas pertenciam a uma dama que pouco antes por ali passara, e Arnaldo foi seguindo, inconscientemente, com passo lento, o rasto deixado por aqueles mimosos pèsinhos.

O caminho estava atravancado pelos mais diversos utensilios de trabalho, como cabos, mangueiras, tábuas, cavaletes, guindastes, passando êle com cuidado através de tudo, por sòbre *rails* e pranchas, por entre zorras e vagonetas carregadas de materiais de construção, calcando as ferramentas e as pedras que aqui e acolá pejavam o solo, e que o faziam resvalar e quasi cair por vezes, prosseguindo num continuo zigiguezaguear, que só suspendia por curtos momentos para olhar à retaguarda ou à frente, a fim de se certificar do rumo a seguir, pois as pègadas apagavam-se de quando em quando, destruidas pelas sapaterras brutais dos operários do molhe.

Se de chofre lhe perguntassem porque razão se absorvia tanto na pesquisa do términus daquelle rasto, difficilmente saberia responder.

O passeio não foi longo; sempre sob a ardência do sol que nem sequer parecia molestá-lo, Arnaldo chegou breve ao termo das pègadas. Não havia mais terra firme; depois seguiam-se os pedregulhos do quebra-mar. A dama guiara os seus passos até à beira do último trouço construido da muralha.

Um tanto desapontado, Arnaldo retrocedeu um pouco, procurando descobrir os vestígios do regresso da dama, mas êles não apareciam.

Uma vaga inquietação o assaltou, voltando ao ponto onde terminavam as pègadas e ficou-se a meditar, sem ocorrer-lhe sequer a idea de que a possuidora duns

pêsinhos tam suaves, se tivesse aventurado a saltitar por sôbre aqueles penedos amontoados ao acaso, para contornar o paredão de abrigo, não deixando assim indícios da sua retirada.

Ao cérebro acudiu-lhe o pensamento de que se dera um drama. O mar guardava, sem dúvida, o segredo duma alma despedaçada por crueis desgostos. Tomado de desespero e de tristeza, olhou profundamente as águas, procurando o corpo inanimado dêsse alguém que encontrara alívio às suas dores no íntimo do Oceano impetuoso, que naquele dia se mostrava duma monótona serenidade.

Fixara-se no seu espírito a idea de que aquelas pedras haviam sido testemunhas duma tragédia, e, absorvido por êsse pensamento, olhava longamente o mar até à costa, buscando qualquer coisa que lhe confirmasse a sua suspeita.

Invadido por uma onda de desânimo, acusava-se já de não ter dirigido para ali mais cedo os seus passos, pois poderia ter evitado uma morte, quando uma gargalhada argentina e alegre o arrancou de súbito às suas angustiosas meditações.

Voltando-se rápidamente para o ponto de onde partira a risada, Arnaldo divisou sentada numa larga pedra, meio escondida por outras que lhe ficavam sobranceiras, uma figura de mulher que procurava ocultar-se sob uma linda sombrinha de seda vermelha.

O seu espírito desanuviou-se como por encanto e o mancebo não pôde deixar de sorrir. Saltando aqui e acolá, com uma presteza já tantas vezes experimentada, por sôbre as pedras do quebra-mar, dirigiu-se para a dama da sombrinha vermelha, que tam galantemente despertara a sua atenção, e que ao senti-lo aproximar-se afastou negligentemente a sombrinha, deixando ver o seu rosto duma grande beleza, a que uns olhos negros e formosos, aveludados por uma leve sombra de tristeza, davam uma expressão de meiguice e candura.

—Apanhou um grande susto, não é verdade?, exclamou ela, sorrindo, sem dar tempo que êle a cumprimentasse.

—Susto não, mas sofri uma dolorosa impressão, respondeu Arnaldo.

—Pensou que eu me tivesse deitado ao mar, não é assim?, continuou a jóvem com uma certa tristeza na voz.

—É verdade. Mas como presumiu que fôsse êsse o

meu pensamento?, interrogou Arnaldo, sentando-se numa pedra em frente da dama.

—Ora, desde muito longe que a minha vista vem seguindo os seus passos; pelo caminho que trazia e pela decepção que me pareceu ter sofrido ao chegar ao fim da muralha, adivinhei os seus pensamentos.

O mancebo expoz à sua amável companheira a luta tremenda que travara contra o ambiente enervante que muito o aflagira, contou-lhe as graves preocupações que haviam absorvido o seu espírito até ao momento em que a sua vigorosa e fresca gargalhada, cheia de graça e de vida, havia afastado por completo a angústia que se apossara da sua alma.

II

Terminara a hora do jantar; os silvos das máquinas e as sinetas, em terra e no mar, ordenavam aos operários, mal refeitos do esforço dispendido durante a manhã, que retomassem o trabalho. A tranqüilidade de há pouco ia suceder-se uma actividade febril e barulhenta, que contrastava com a intensa serenidade da natureza.

Arnaldo e a jóvem suspenderam por momentos o seu agradável colóquio, seguindo distraidamente o movimento dos homens e dos maquinismos.

Conhecendo demasiado todo aquele conjunto, Arnaldo dirigiu de preferênciã o seu olhar para a donzela que tinha na sua frente, admirando-a.

Tinha perante si a encantadora Preciosa, uma das mais lindas pupilas dum dos «centros» da cidade. Era uma jóvem de vinte anos, formosa e esbelta, vestindo com distincção um belo traje de côr azul-escura e ostentando um simples mas bonito chapéu com uma pluma branca, que faziam realçar toda a sua personalidade.

A jóvem notando a insistência com que êle a fitava, observou-lhe sorrindo:

—O senhor conhece-me, mas não se recorda já quando e onde nos vimos, aposto!

—Engana-se, não sou tam falto de memória como supõe, respondeu Arnaldo.

—Foi no dia da festa da Senhora da Rosa, lembra-se?

—Se me lembro. Foi nêsse dia que a vi pela primeira vez, vindo a saber que era minha patrícia.

— Pois eu já conhecia o senhor há muito mais tempo de vê-lo passar na minha rua. É uma festa muito «riquinha», não acha?

— Sim, é uma festa em que se revela bem a alma simples dêste pobre povo.

— Viu a capela? É «riquinha», pois não é?

— Vi, sim. Entrei para apreciar uns trabalhos do meu mestre. É pequena e alegre. Mas do que se precisa não é de igrejas. Elas só perpetuam o êrro e a ignorância.

— Bem se vê que o senhor é do continente, os homens de aqui não pensam assim.

E um tanto magoada com a manifesta irreligião de Arnaldo, concluiu como que num murmúrio:

— Admira-me como o senhor aqui veio parar, a uma terra tam religiosa. Eu, se fôsse como o senhor, fugia.

Arnaldo não pôde reprimir um leve sorriso de benevolência, sentindo desejos de procurar esclarecer-lhe o espírito empoeirado de velharias, que seriam simplesmente grotescas se não fôsem a causa de tantos sofrimentos.

Olhou-a fixa e docemente nos seus olhos meigos e sinceros, e desistiu. Receou apaixonar-se na exposição e de argumento em argumento ter de lembrar-lhe a ignominiosa condição a que ela estava sujeita, mercê duma sociedade em que o espírito religioso, ou melhor, uma forte organização religiosa, tomava uma parte muito activa, e animado pelo sorriso amorável que iluminando o rosto da jóvem afastava a ligeira núvem que o toldara, o mancebo affectando não ter dado pelo tom de leve censura de Preciosa, retorquiú:

— O que me trouxe aqui? O meu espírito de aventura, o meu grande desejo de conhecer mundo, a minha funda aversão à capital, aos grandes centros. Tudo isso e ainda a vontade de morrer longe de todos aqueles que me estimavam, visto que uma pertinaz doença me ia minando dia a dia. Procurei egoistamente sofrer só o meu mal para não o sentir agravado com o sofrimento que o meu precário estado de saúde podesse causar aos outros.

— Mas o quê, o senhor sente-se mal?, exclamou Preciosa cheia de admiração e interêsse.

— Actualmente não, mas cheguei aqui muito doente. Depois de algum tempo restabeleci-me por completo. Hoje sinto-me forte, cheio de vida, e até menos melancólico.

— Ora aí está, mais um motivo para agradecer a Deus e para não ser tam mauzinho para as igrejas, exclamou a jóvem com vivacidade.

—Agradecer a Deus?... Mas o único e verdadeiro deus deve ser a Perfeição. Às belezas climatéricas desta terra devo a vida, sou-lhe grato. No altar da minha consciência presto um culto fervoroso à sublime religião da Verdade e do Altruismo. E a melhor forma, a única forma de prestar culto a essas divindades, é ser sempre sincero e humanitário para com os nossos semelhantes, sem necessidade de ridículas e espantosas liturgias, que não se casam nem com o sentimento nem com a decência.

Preciosa olhava-o entre admirada e contrita, sem poder articular palavra.

III

O sol dava agora em cheio nos penedos onde se encontravam sentados, e Arnaldo, notando que apesar da sombrinha os raios solares incomodavam a sua galante companheira, lembrou a conveniência de se sentarem num lugar mais abrigado.

Aceite gostosamente a sua proposta, Arnaldo deu a mão à jovem e, dentro de alguns instantes, achavam-se instalados um pouco mais a coberto das ardências do grande astro, fonte perene de toda a vida e de toda a alegria.

Como dois velhos amigos que se tivessem encontrado depois duma grande ausência, abriram-se em confidências aquelas duas almas tam diferentemente orientadas no rumo da vida.

Arnaldo rememorou a sua infância descuidada, a perda de sua mãe, que o deixara bem pequeno, facto que ficara vincado e influira profundamente no seu carácter melancólico, tam pouco expansivo que para muitas criaturas, pouco psicólogas, parecia agreste, quasi agressivo.

Naturalmente, como uma consequência lógica do seu modo de ser, surgiu a manifestação dos ideais de reivindicação social que preocupavam o seu espirito, os anseios de perfeição humana que animavam a sua alma, os desejos veementes duma sociedade de paz e de amor, para cuja conquista dirigia devotadamente os seus passos ainda incertos de neófito da doutrina sublime e renovadora.

O relato dos males provocados pela péssima organiza-

ção da sociedade sensibilizou a jovem, cujos olhos por vezes se marejaram de lágrimas, e a exposição apaixonada do que poderia ser a sociedade de amanhã, sem reis nem senhores, sem padres nem soldados, dava ao seu lindo rosto uma expressão de incrédula bondade; pois Preciosa não podia convencer-se facilmente que os homens podessem um dia deixar de ser maus. Ela conhecia-os tam bem! E se a maldade existisse só nos homens, mas as mulheres, as próprias mulheres eram em geral tam ruins!

Preciosa parecia começar a ter consciência da sua baixa condição. Via-se escarnecida por todos; os homens só tinham para ela baboseiras ou insultos e olhares duma concupiscência infamante. Alguns, mais perversos, chegavam a agredí-la. As mulheres demonstravam-lhe quanto podiam o desprezo que nutriam por ela, o ódio que lhe votavam, como se ela tivesse culpa da sua desgraça, como se ela não fôsse filha do mesmo Deus e não tivesse nascido tam pura como todas as que lhe queriam tanto mal!

Pondo termo à torrente de queixumes contra tudo e contra todos que lhe atravessava o espirito, Preciosa contou então, numa voz suave e harmoniosa, a história pungente da sua queda.

Arnaldo escutou comovidamente a narração da jovem. Não era uma história vulgar. Seu pai, um comerciante, morrera quando ela tinha apenas sete anos. Sua mãe, que casara muito nova, internara-a num asilo, mercê da protecção dumas senhoras muito religiosas, suas amigas, e continuara gerindo os negócios do estabelecimento do marido; com o tempo tornara-se amante dum jovem empregado da casa, que se mostrara sempre duma grande dedicação.

Completados os seus dezóito anos, Preciosa saía do asilo e regressava à casa materna. O encontro constante de duas almas juvenis produziu os seus naturais efeitos; não suspeitando sequer das relações da mãe com o empregado, a donzela apaixonara-se por êle, que pérfidamente a fizera resvalar no abismo da desonra.

Descoberto o namôro, a mãe fizera-lhe uma tenaz opposição, impondo-lhe verdadeiros tormentos, o que mais fazia estimular a sua paixão. Convencida por fim da improficuidade do seu procedimento, sua mãe não teve remédio senão revelar-lhe os seus amores com o empregado, amores que um preconceito estúpido a levava a ocultar, dando origem a um verdadeiro desastre.

Uma tal revelação constituiu um rude golpe para a alma sensível de Preciosa, que ocultou corajosamente a falta em que o traidor a fizera cair, e num belo espírito de sacrificio resolveu fugir de casa, para que sua mãe pudesse continuar sendo feliz.

Depois, sem um braço amigo a que se amparasse, antes só encontrando criaturas perversas que se aproveitavam da sua desdita, resvalou rápidamente nos antros da má vida, e desde então o pântano do meretrício legalizado contou com mais uma vítima da maldade social.

IV

A narrativa da j6vem decorrera brandamente, a sua voz ritmada não tinha sofrido a mais leve alteraç6o. A donzela parecia não comover-se com as próprias dores, tinha um ar resignado que revelava nela a exist6ncia dum estoicismo desconcertante.

Arnaldo contemplava-a enternecidamente. Aquele coração tam sensível à dor dos outros, parecia gelado ante a recordaç6o dum passado tam cruel. Que admirável alma de mulher se albergava naquele peito!

—Ah, o senhor fala bem, diz coisas muito bonitas, mas impossíveis de se realizarem!, exclamou Preciosa, quebrando o sil6ncio em que haviam ficado mergulhados após a descriç6o que fizera da sua vida cheia de vicissitudes e tormentos.

—Belas coisas, na verdade, minha querida amiga; e por serem muito belas, o seu espírito de criatura que muito tem sofrido, tomado de funda descrença e desorientado por uma falsa educaç6o, recusa-se a admitir a possibilidade dum futuro melhor. Mas apesar de todas as violências dos poderosos e da ignorância dos escravos, os homens h6o de um dia ser mais livres e perfeitos. O progresso humano jamais pára; êle tem-se realizado através de mil dificuldades.

Arnaldo fez depois uma rápida digress6o pelos tenebrosos tempos do passado, em que a escravid6o dos pobres era muito maior, em que a condiç6o da mulher era ainda mais vexat6ria e degradante. Por fim entoou um hino à paz entre os homens libertos das grilhetas da sociedade actual, engrandeceu a mulher como filha e como esposa, divinizando-a como mãe.

O tom de profético entusiasmo de Arnaldo impregnava a jovem duma tal sensibilidade, que ela se sentia arrasada num deslumbramento por aquela linguagem nova para ela, animando-a a confiar num porvir sem lutas fratricidas, em que os seres humanos seriam social e economicamente livres, sem necessidade de descenderem às mais repulsivas baixezas para usufruir o pão e a felicidade.

—O senhor crê na ressurreição, acredita na regeneração humana! Julga então possível a reabilitação de pobres raparigas como eu, disse quasi num suspiro Preciosa, com uma entoação na voz em que a confiança e a incredulidade se confundiam.

E desatou num choro silencioso, que em vão procurava reprimir.

Passaram-se uns momentos bem dolorosos; Arnaldo esforçou-se por não se deixar aniquilar pela dor da infeliz donzela, dirigindo-lhe palavras de conforto e esperança, com uma solicitude e um carinho até então não revelados pela sua alma rude. As suas palavras amigas constituíam um bálsamo para Preciosa, que enxugando o pranto ao seu niveo e perfumado lençinho de artísticas e finas rendas, desabafou numa explosão de sincero reconhecimento:

—Ah, o senhor não é como os outros. Se todos fôsem assim, o mundo seria melhor, a vida seria mais bela... Mereceria a pena viver, não haveria tanta desgraça e talvez um dia a humanidade pudesse ser feliz, como o senhor diz... Mas não, poucos homens haverá como o senhor, talvez nenhum.

Arnaldo tentou dissuadi-la. Êle não era o anjo que ela supunha, tinha os seus defeitos como todos os homens filhos duma sociedade impura, simplesmente êle procurava nortear o seu pensar e o seu sentir por um grande ideal de perfeição e bondade.

—Não diga que não, atalhou ela, o senhor não é igual aos outros, o senhor não parece destes tempos em que os homens são estúpidos e maus como animais selvagens. O senhor parece antes um daqueles antigos cristãos, de que nos falam os livros, naturalmente bons, incapazes de originarem sofrimentos aos seus semelhantes, antes sentindo com amargura as dores do próximo. Os frades doutros tempos deviam ser todos como o senhor.

Arnaldo não pôde conter uma franca gargalhada, ao ver-se comparado, êle um irreligioso, aos ascetas que pejam a história do fanatismo.

Surgira de novo a questão religiosa e Arnaldo aproveitou o ensejo para indicar à jovem que raros seriam os servidores de Deus e da Igreja, que merecessem ser recordados com admiração e amor, pois que na generalidade êles só tinham contribuído para o mal estar dos povos, collocando-se sempre ao lado dos ricos e poderosos.

Preciosa desta vez ouviu sem relutância as frases descatolizantes do mancebo, cuja attitude cheia duma fraterna sinceridade tinha conquistado a sua simpatia, inspirando-lhe uma confiança desconhecida.

Vulgarmente tratada com dêsdem, num tu cá tu lá deprimente, sempre vexada e por vezes agredida por verdadeiras bestas humanas, que a procuravam para saciarem animalmente um prazer mercandejado, encantava-se que no mundo existisse alguém que a olhasse com respeito e tivesse para com ella palavras amigáveis, sem sombra dum interêsse mesquinho e oculto, como nos seus tempos de virgem nunca tinha ouvido.

Sentia-se como que sonhando, ao perceber que estava falando com um homem que nem ao de leve lhe lembrava a sua situação aviltante de «carne de prazer». Nem um sorriso equívoco, nem uma frase propositadamente escabrosa para provocar-lhe os sentidos!

Na sua alma ingénua de crente estabelecia-se uma luta notável ante o procedimento daquelle rapaz sem religião e que queria revolucionar o mundo, e o procedimento indigno de tantos e tantos que apregoavam a sua fé na igreja e na divindade.

Sabia bem que as afirmações de Arnaldo eram honestas, encerrando o mais puro sentimento de justiça e de verdade, sentia intimamente que êle era incapaz de servir-se da máscara vil da hipocrisia e que possuia uma moral superior, inconfundível; jamais êle pisara sequer o limiar da porta de qualquer antro, como aquelle onde ella prodigalizava o prazer como uma mercadoria, e entre cujos frequentadores se encontravam indivíduos de todas as categorias sociais, solteiros e casados, e até sacerdotes, que assim falseavam os votos que a religião que diziam servir lhes havia imposto.

Porisso, sem comprehender ainda o âmago das ideas de Arnaldo, êle era para ella um ser que não era dêstes tempos, tam diferente ella o via dos outros homens.

Admirava-o, sentia-se arrastada para êle, mas um generoso sentimento de resignação impulsionava-a a calcar no peito um amor que parecia despertar, pois sabia que

Arnaldo estava enamorado duma jóvem, mais digna dêle do que ela, que para o mundo não passava duma mulher perdida.

Sacudindo nervosamente a sua cabecita devaneante, esforçou-se por afastar para bem longe os sonhos em que se deixara enlevar, e erguendo-se, disse :

—São horas de me retirar. Não calcula quanto me sinto feliz por êste nosso encontro. O tempo passou-se tam depressa !

—Então já se vai embora ? No momento em que o sol vai já declinando, prometendo-nos ainda uma tarde deliciosa !

—É forçoso, a vida começa daqui a pouco, murmurou a jóvem ruborizando-se levemente.

—A vida... que sangrenta ironia encerram as suas palavras, minha boa amiga. Não fale assim. É de enlouquecer de revolta contra uma sociedade tam infame !

Olharam-se demoradamente em silêncio. Depois Preciosa, apoiando-se no braço do seu companheiro daquela tarde memorável, deixou-se conduzir docemente por sôbre aqueles pedregulhos tôscos e pesados, que as mãos laboriosas dos homens e a energia potente dos aparelhos mecânicos ali haviam colocado, para quebrar a fúria indômita do Atlântico.

Alcançado o caminho plaino, os dois amigos continuaram a sua interessante palestra, encaminhando-se para a cidade.

Os operários sorriam à sua passagem, crivando-os de olhares maliciosos, mal sabendo que aquelas duas almas, que êles já viam enlaçadas, sacrificando ao amor, numa alcova perfumada, procuravam solução para uma das mais penosas situações criadas pela má organização da sociedade.

Se aos seus ouvidos lhes fôsse dado chegar a voz magoada de Preciosa, respondendo a uma observação de Arnaldo, êles teriam ouvido :

—Não diga isso. A ressurreição é impossível. É sina nossa, só os anjos caem e se erguem tanto ou mais puros do que antes. Mas nós, as mulheres, quando caímos já não nos podemos levantar. Todos os olhos do mundo, todas as mãos da sociedade nos empurram cada vez mais para o fundo do abismo. E creia, nós, pobres raparigas vítimas da má sorte, não temos mau coração, não merecemos que nos tratem tam duramente.

Chegaram ao fim do molhe. Não desejando ir mais além, Arnaldo desprendeu-se ternamente do braço de

Preciosa e estendendo-lhe a mão num gesto affectuoso de despedida, dirigiu-lhe ainda algumas palavras, exortando-a a procurar a sua redenção e a das suas companheiras de infortúnio.

— O quê, por nosso esforço próprio? Impossível, meu caro senhor. Tudo e todos nos condenam. ¿Encontrar um peito, amigo capaz de sentir a nossa dor e de erguer-nos do lodaçal? Ainda menos. ¿Qual seria o homem que teria a audácia de arcar com as censuras de todo um mundo de preconceitos? Sim, qual seria?

E com um sorriso pálido, que penetrava fundo no peito, já na despedida, no último adeus, exclamou:

— Teria o senhor, se o seu coração fôsse livre, a coragem de salvar do abismo esta sua amiguinha?

Arnaldo não pôde responder, a voz afogou-se-lhe na garganta, quasi num soluço, e ficou imóvel, vendo-a afastar-se apressadamente; quando a perdeu de vista, retirou-se com a amargura no coração e pensando nas derradeiras palavras de Preciosa.

Ela tinha razão, a ressurreição não era possível, as infelizes manchadas com o ferrete da ignomínia social, jamais deixariam de ser apontadas a dedo pelos perversos e inconscientes.

Preciosa tinha razão; a redenção de pobres raparigas como ela, não era possível dentro duma estúpida e criminosa organização social, que quebrava as energias mais decididas, dispostas a defrontar as críticas abjectas duma moral repelente.

E subindo ao paredão de abrigo, meio arruinado por um vendaval de segundos, encarou o sol que se sumia no horizonte, entre chamas sangrentas e agressivas, que espelhando-se nas águas, as transformavam num mar de sangue.

Ante um espectáculo tam soberbo e arrebatador, acudiu-lhe ao cérebro um pensamento deveras subversivo: o ocaso duma sociedade que engendrava a dor e o crime, não deixando às suas vítimas a mínima esperança de salvação, devia também ser assim: entre as ondas descongestionantes da sangria revolucionária e as labaredas devastadoras e apavorantes do incêndio purificador.

FIM

A aparecer brevemente

A Novela Vermelha

N.º 6—

A ESCOLA DE NUN'ALVARES

POR

CRISTIANO LIMA

Preço, \$25 ctvs.

Pedidos à Secção Editorial
d'A BATALHA

A NOVELA VERMELHA

Em preparação:

N.º 6- A escola de Nun'Alvares

POR

CRISTIANO LIMA

PUBLICADO:

- N.º 1 **A Expição** *por Manuel Ribeiro.*
 - N.º 2 **Sangue Fidalgo** *por Nogueira de Brito.*
 - N.º 3 **Hugo, o pintor** *por Mário Domingues.*
 - N.º 4 **Dois Tiros** *por Sobral de Campos.*
 - N.º 5 **Impossivei redenção** *por A. Machado.*
-

Colaboradores: Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Sobral de Campos, Augusto Machado, Perfeito de Carvalho, Jesus Peixoto, Artur Portela, Gonçalves Correia, Cristiano Lima, etc.

PREÇO: \$25 CENTAVOS

Série de 10 números: 2\$50

Shi